

Objeto digital: PT/CMCBR-AH/COL/CME/004/016

ICONOGRAFIA – SENHOR DA SERRA

Com a chegada de agosto, regressam as tradições que há séculos marcam o verão português: festas religiosas, procissões, promessas cumpridas e romarias que juntam comunidades inteiras em celebração. Para assinalar este mês tão ligado à fé e à cultura popular, o Arquivo Histórico de Coimbra apresenta como Documento do Mês de agosto duas imagens do Divino Senhor da Serra, “que se venera na capela do mesmo nome na freguesia de Semide”. Estas imagens pertencem à coleção de iconografia do Museu Etnográfico de Coimbra. Apresentamos também um conjunto de notícias referentes a esta festividade.

DEVOÇÃO AO SENHOR DA SERRA- UMA ROMARIA COM HISTÓRIA

No alto da vertente que domina o Mosteiro de Semide ergue-se o Santuário do Senhor da Serra, um dos mais antigos polos de peregrinação da região Centro e miradouro privilegiado sobre o maciço central da Serra da Lousã até à Serra da Estrela.

Desde o século XVII, muito antes de Fátima se afirmar como grande destino religioso, o Senhor da Serra destacou-se como o maior Santuário do Centro do País, acolhendo todos os anos, entre 15 e 23 de agosto, milhares de devotos.



"Milagrosa Imagem do Senhor da Serra

O Exmº Sr. Nuncio concede 100 dias de indulgencia a quem rezar um Padre Nosso, Ave Maria e G. P. ,diante desta imagem"

Coimbra, Typ. Reis Leitão.
Código de referência: PT/CMCBR-AH/COL/CME/004/017

A devoção teve origem quando Martim Avô e Maria Guilhermina, naturais de Ceira, colocaram uma imagem votiva num local próximo da atual povoação de Vendas da Serra. A fama milagrosa rapidamente atraiu peregrinos, originando uma das romarias mais importantes da região. As freiras do Mosteiro de Santa Maria de Semide, a quem o santuário estava ligado, ordenaram a construção de um nicho e, mais tarde, da capela onde a imagem foi depositada em 1653.

Durante séculos, agosto enchia de movimento os caminhos de Ceira, Miranda, Trémua, Semide e muitas outras terras. Os grupos de peregrinos — facilmente reconhecidos pelos trajes regionais — caminhavam para cumprir promessas, agradecer curas ou pedir proteção ao Divino Senhor.

Já no final do século XVII, a afluência crescente obrigou à ampliação da capela e à construção de hospedarias, pois muitos romeiros permaneciam vários dias no santuário.

Hoje, tal como outrora, o Divino Senhor da Serra continua a ser venerado numa grande romaria anual, preservando uma das expressões de fé mais profundas da região Centro.

“ECOS DE DEVOÇÃO: A ROMARIA AO SENHOR DA SERRA NA IMPRENSA DE OUTROS TEMPOS”

Tem sido extraordinária a concorrência, de romeiros que nestes últimos dois dias tem passado por esta cidade com destino á romaria do Senhor da Serra.

Notícia sobre a romaria ao Senhor da Serra, em 1897.

Fonte: Resistência (Coimbra), n.º 261, 3.º ano, domingo, 22 de agosto de 1897.

Senhor da Serra

Tem sido este ano mais considerável do que em nenhum outro a afluência de romeiros ao Senhor da Serra.

Os comboios tanto de Lisboa, como do Porto, têm trazido centenas de pessoas, grande número das quais segue logo em carros ou a pé para as Vendas de Ceira, donde sobem pelo caminho íngreme da serra até ao planalto.

Sobretudo no domingo e segunda, a afluência foi extraordinária e o largo da Portagem e o passeio do Cais encheu-se á noite de romeiros que pernoitam ao ar livre á espera da hora dos comboios.

No domingo o *tramway* para a Figueira das 9 e meia teve de sair com atraso, porque o comboio da Figueira chegou retardado por ter de embarcar gente nas estações e apeadeiros, em que costuma ter pouca demora.

Na estação nova foi necessário abrir a porta que fás comunicar o cais da gare com o largo das Améias para dar saída fácil aos romeiros que chegavam em grande número.

Os ranchos não tinham porém a animação dos ranchos do Minho.

Não cantavam nem dançavam.

A' vinda vinham serenos, sem vinho, conversando tranquillamente.

E' gente pobre do campo.

O Senhor da Serra, tem um gosto detestável por tranças de mulher.

E' a oferta de mais mimo que se lhe pôssa fazer, e o povo acredita que lhe crescem os cabelos da cabeleira natural que encaixarão no crucifixo de pedra.

Alguns mais crentes sustentão que até a barba rude do tócco crucifixo de pedra cresce todos os annos.

Ainda um dia um cronista devoto á de e c evê que foi com a pedra aproveitada, ao fazer-lhe a barba, que se construiu a capela nova, que anda a fazer-se por um risco de A. Augusto Gonçalves.

Temos visto milagres maiores...

Não deixa de ser curioza uma nota, que vai por final.

Apezar de tanta devoção, os romeiros, tanto na ida como na volta, juntam-se em grandes grupos por forma a não poderem ser facilmente contados, e esquivam-se ao pagamento dos cinco réis de portagem na Portela.

Foi necessário barrar a ponte com uma barra móvel de madeira, deixando uma pequena passagem e pondo de cada lado um ómém para contar os devotos.

Tal qual como nas gares do caminho de ferro em dias de tourada.

E isto para gente a pé.

E tão devotos...

Notícia sobre a romaria ao Senhor da Serra, em 1904.

Fonte: Resistência (Coimbra), n.º 930, 10º ano, quinta-feira, 25 de agosto de 1904.

